



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 06/05/2022 a 12/05/2022

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
06/05/2022	16,55	423,40	88,40	10,97	7,92
09/05/2022	16,21	411,10	87,18	10,83	7,84
10/05/2022	16,30	407,90	87,96	10,83	7,86
11/05/2022	16,50	400,60	89,45	11,08	8,02
12/05/2022	16,60	399,40	88,52	11,74	8,13
Média	16,43	408,48	88,30	11,09	7,95

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	182,00	
RS – Não Me Toque	182,00	
RS – Londrina	179,00	
PR – Cascavel	179,00	
MT – C.N.Parecis	167,00	
MS – Maracaju	180,00	
GO - Rio Verde	169,00	
BA – L.E.Magalhães	170,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	96,00	CIF
Porto de Paranaguá	95,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	83,00	
SC – Rio do Sul	84,00	
PR – Cascavel	80,00	
PR – Londrina	81,00	
MT – C.N.Parecis	74,00	
MS – Maracaju	76,00	
SP – Itapetininga	84,00	
SP – Campinas	85,50	CIF
GO – Rio Verde	79,00	
GO – Jataí	79,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	104,00	
RS – Não Me Toque	105,00	
PR – Londrina	96,00	
PR – Cascavel	100,00	

Período: 11/05/2022

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 12/05/2022**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	86,20	186,05	102,63

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
12/05/2022**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	69,50
Feijão (saco 60 Kg)	260,83
Sorgo (saco 60 Kg)	66,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,48
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,26**
Boi gordo (Kg vivo)*	11,27

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Abril/22 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, após ensaiarem um recuo nesta semana, se recuperaram um pouco na expectativa do novo relatório de oferta e demanda, o qual foi divulgado nesta quinta-feira (12). Após o anúncio do mesmo, o primeiro mês cotado em Chicago fechou em US\$ 16,60/bushel, contra US\$ 16,78 uma semana antes. Lembrando que, a partir desta segunda-feira (16), para efeitos de cálculo de nosso preço da soja aqui no Brasil, muda o mês de referência, sendo que julho passa a ser o primeiro mês. Ora, este novo mês fechou esta quinta-feira (12) em valores bem mais baixos, ou seja, em US\$ 16,13/bushel.

Vale ainda destacar que, enquanto o farelo de soja recua fortemente, rompendo o piso dos US\$ 400,00/tonelada curta, o óleo de soja volta a se aproximar de seu recorde histórico, alcançado no final de abril, o qual ficou acima dos 90 centavos de dólar por libra-peso. Neste momento, este fortíssimo aumento do óleo, puxado pelo aumento nas cotações do petróleo, devido a guerra entre Rússia e Ucrânia, ajuda a sustentar as cotações do grão, se sobrepondo ao farelo.

Dito isso, o relatório do USDA, deste dia 12/05, o primeiro a trazer projeções para a futura safra estadunidense, indicou o seguinte, para a safra 2022/23:

- 1) A área a ser semeada com soja ficou estimada em 36,8 milhões de hectares, ou seja, 4,4% acima da área do ano anterior;
- 2) A produção dos EUA chegaria a 126,3 milhões de toneladas, contra uma expectativa média do mercado de 125,3 milhões;
- 3) Os estoques finais dos EUA ficariam em 8,4 milhões de toneladas, contra uma expectativa média do mercado de 8,7 milhões;
- 4) O preço médio do bushel de soja, aos produtores estadunidenses, no novo ano comercial 2022/23, ficaria em US\$ 14,40, ou seja, cerca de dois dólares abaixo do que vem sendo praticado no momento;
- 5) A produção mundial de soja fica estimada em 394,7 milhões de toneladas, contra 349,4 milhões no atual ano comercial;
- 6) Os estoques finais mundiais ficam estimados em 99,6 milhões de toneladas, contra 98 milhões esperados pelo mercado e 85,2 milhões calculados para o corrente ano comercial;
- 7) A produção do Brasil está projetada em 149 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina fica em 51 milhões de toneladas;
- 8) As importações da China ficariam em 99 milhões de toneladas.

Em paralelo a isso, o plantio da nova safra de soja nos EUA atingia a apenas 12% da área esperada, até o dia 08/05, contra 39% no mesmo período do ano passado e 24% na média histórica. Nesta data, 3% das lavouras estavam emergidas. O atraso se deve às condições climáticas desfavoráveis, porém, a janela de plantio ainda é larga.

Quanto às exportações de soja, na semana encerrada em 05 de maio, os EUA embarcaram 503.414 toneladas da oleaginosa, ficando este volume dentro do esperado pelo mercado. Em todo o atual ano comercial, até o momento, as vendas externas estadunidenses de soja atingem a 47,7 milhões de toneladas, ou seja, 15% a menos do que no mesmo período do ano anterior.

Pelo lado da demanda, as importações de soja da China subiram, finalmente, em abril, em relação a março. Ajudou para isso a chegada de cargas atrasadas por causa do mau tempo e de colheitas lentas na América do Sul. Foram 8,08 milhões de toneladas importadas em abril, um aumento de 27% sobre março. Em abril do ano passado o volume importado havia sido de 7,45 milhões de toneladas. Com a chegada de navios atrasados, originários do Brasil, espera-se que maio atinja um volume importado de 9,4 milhões de toneladas. Por enquanto, nos quatro primeiros meses do corrente ano a China importou um total de 28,36 milhões de toneladas de soja, representando um recuo de 0,8% sobre o mesmo período do ano anterior. Estimativas dão conta de que a China precisaria importar entre 7 milhões a 8 milhões de toneladas de soja por mês, até agosto.

Já no Brasil, os preços recuaram, mesmo com o câmbio se mantendo entre R\$ 5,05 e R\$ 5,15 na semana. A média gaúcha no balcão caiu para R\$ 186,05/saco, perdendo mais de cinco reais em relação a semana anterior, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 167,00 e R\$ 180,00/saco. Destacando que nas principais praças de comercialização gaúchas o preço fechou a semana em R\$ 182,00/saco.

A demanda chinesa, mais lenta neste momento, e a evolução da colheita na América do Sul, apesar da quebra importante, pressionam os preços internos. Além disso, Chicago recuou quase um dólar por bushel nestas duas últimas semanas. Existe também premência de muitos produtores para venderem sua soja, especialmente no Centro-Oeste, onde a colheita é cheia, pois faltam silos para armazenagem.

Neste momento, projeta-se uma colheita final no Brasil entre 121 e 123 milhões de toneladas, com recuo entre 11% e 14% sobre o volume colhido no ano anterior. Na medida em que a colheita se aproxima do final, o volume produzido vem baixando nas diferentes estimativas. A quebra se concentrou particularmente no sul do Mato Grosso do Sul, parte de São Paulo e Minas Gerais e nos três Estados do Sul, região de forte produção.

Neste caso, o Rio Grande do Sul ainda colhe sua safra, avançando lentamente devido ao excesso de chuvas nas últimas semanas. Neste momento, cerca de 80% da área gaúcha estaria colhida. Lembrando que a média histórica, para esta época, é de uma colheita ao redor de 95%. Devido à chuva, muitas lavouras também estão sofrendo perdas por que a soja está brotando antes de ser colhida, além da redução na qualidade do grão em geral. Portanto, a quebra final no Estado gaúcho poderá superar aos 55% até aqui contabilizados. No caso do milho gaúcho, a colheita teria chegado ao redor de 90% da área, porém, igualmente prejudicada pelas chuvas. Mesmo assim, a mesma está adiantada em relação a média histórica de 85% nesta época.

Já no Mato Grosso, as vendas antecipadas de soja e milho, para a safra 2022/23, avançam muito lentamente. Para a soja, a mesma atingiu a 22,5% da produção esperada, até o início deste mês de maio. Mesmo assim, acima da média histórica, que é de 18,6% para a época. Enquanto isso, para o milho safrinha, que somente será semeado em 2023, as vendas antecipadas atingem a 9,4% da produção esperada, contra 15,9% na última safra e 9,1% na média histórica. (cf. Imea) O produtor local, assim como o brasileiro em geral, está muito receoso em fechar contratos diante da

alta dos custos de produção, das últimas dificuldades climáticas e do que poderá vir a ser o câmbio no país neste ano eleitoral.

Vale destacar que, no campo dos fertilizantes, diante da possibilidade de faltar o insumo, devido à guerra no Leste Europeu e de outros problemas, as importações brasileiras dos mesmos saltou 72% em abril, sobre o mesmo período de 2021, para atingir a 3,25 milhões de toneladas.

Em relação a atual safra de soja, o Mato Grosso já comercializou 73,4% de sua colheita. Os produtores estão acelerando as vendas para abrir espaço nos armazéns em função da chegada do milho safrinha. (cf. Imea)

Pelo lado das exportações brasileiras do complexo soja, a Abiove indicou que as vendas externas de óleo de soja, pelo país, foram estimadas em 1,8 milhão de toneladas em 2022. Com isso, os estoques finais do país, no corrente ano, ficam em 522.000 toneladas, desde que a produção deste óleo atinja a 9,7 milhões de toneladas e o consumo interno 7,9 milhões, como até aqui estimados. As razões para a maior participação brasileira nas vendas mundias de óleo de soja, neste ano, são a guerra entre Rússia e Ucrânia, que reduz as vendas locais de óleo de girassol; as medidas restritivas às exportações de óleo de palma, especialmente na Indonésia; e a maior demanda por óleo vegetal na Índia. Ainda, segundo a Abiove, se a estimativa for confirmada, este será o maior volume exportado, em um ano, pelo Brasil desde 2008, quando atingimos a 2,3 milhões de toneladas. No ano passado exportamos 1,65 milhão de toneladas de óleo de soja. O recorde de exportação brasileira deste óleo foi atingido em 2005, com 2,7 milhões de toneladas. A partir daí, com o uso do mesmo para fabricar o biodiesel, no interior do país, as vendas externas diminuíram, mesmo havendo aumento na produção do grão. A Associação também revisou para cima o valor total que o país poderá obter com as exportações do complexo soja neste ano. Agora, o total atingiria um novo recorde de US\$ 57,95 bilhões.

A Abiove indicou igualmente que o esmagamento de soja será um recorde de 48 milhões de toneladas em 2022, fato que permitirá exportar 18,3 milhões de toneladas de farelo e consumir internamente outras 18,1 milhões de toneladas deste subproduto, contra 19,2 milhões de toneladas consumidas em 2021. A exportação de soja pelo Brasil, segundo ela, foi mantida em 77,2 milhões de toneladas em 2022, ante o recorde de 86,1 milhões em 2021. E os estoques finais de soja dos brasileiros foram estimados em 2,58 milhões de toneladas em 2022. Lembrando que a Abiove ainda trabalha com a perspectiva de uma safra final de soja, para este ano, ao redor de 125 milhões de toneladas em nosso país. Ou seja, bem acima do que a iniciativa privada aponta.

Dito isso, a Anec projeta que as exportações brasileiras de soja, em maio, fiquem ao redor de 10,6 milhões de toneladas. Este volume é 2,6 milhões superior à projeção da semana anterior. Mesmo assim, o volume, baseado na programação de navios para embarque, ainda representa queda de 25,4% em relação ao mesmo mês de 2021. Já para o farelo de soja, a projeção semanal passou de 1,7 milhão de toneladas para 1,9 milhão, superando o volume de 1,7 milhão de toneladas exportado pelo país em maio do ano passado. A Anec também elevou a expectativa de vendas externas de milho para 927.209 toneladas em maio, um aumento de 25,7% sobre o indicado na semana anterior. Já para o trigo, o volume esperado na exportação de maio passou para 103.719 toneladas, com um aumento de 49,2% sobre o indicado na semana anterior.

Enfim, para a nova safra 2022/23, as primeiras projeções dão conta de um volume a ser colhido ao redor de 146 milhões de toneladas, com alta de 19,5% sobre este último ano. A produtividade média chegaria a 3.464 quilos/hectare (57,7 sacos/hectare) no país, sendo que a área total semeada com a oleaginosa somaria 42,17 milhões de hectares, com a menor alta desde 2018. (cf. Pátria AgroNegócios) Potencial para isso o Brasil tem, a questão chave é combinar com o clima.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho também ensaiaram um recuo, em Chicago, durante a semana, porém, acabaram fechando a mesma muito próximas aos níveis da semana anterior. Assim, o primeiro mês cotado ficou em US\$ 8,13/bushel, contra US\$ 8,03 na semana anterior.

O mercado trabalhou em torno do clima nos EUA e o ritmo de plantio naquele país, assim como na expectativa dos números que sairiam no relatório de oferta e demanda do USDA, neste dia 12/05.

Quanto ao plantio, o mesmo continua atrasado, tendo chegado apenas a 22% da área, em 08/05, contra 64% na mesma época de 2021 e 50% na média histórica para a data. Apenas 5% das lavouras semeadas haviam emergido, contra 15% na média.

Já o relatório do USDA, que apontou as primeiras estimativas para a nova safra, trouxe o seguinte, para o ano 2022/23:

- 1) A área a ser semeada com milho, nos EUA, somaria 36,2 milhões de hectares, ficando menor do que a de soja pela primeira vez na história, sendo que no ano anterior a mesma havia sido de 37,8 milhões. Ou seja, há uma projeção de recuo de área em torno de 4,2% sobre o ano anterior;
- 2) A produção de milho estadunidense fica estimada em 367,4 milhões de toneladas, recuando diante das 384 milhões do ano anterior, e bem menos do que as 375,4 milhões esperadas pelo mercado;
- 3) Os estoques finais estadunidenses de milho ficam em 34,5 milhões de toneladas, recuando 5,6% sobre os estimados para o corrente ano, porém, um pouco acima das 33,2 milhões de toneladas esperadas pelo mercado;
- 4) O preço médio ao produtor do cereal, nos EUA, fica estimado em US\$ 6,75/bushel para o novo ano comercial, contra os atuais US\$ 8,00;
- 5) A produção mundial de milho chegaria a 1,181 bilhão de toneladas, perdendo 2,9% sobre o volume projetado para o corrente ano comercial;
- 6) Os estoques finais mundiais alcançariam 305,1 milhões de toneladas, contra 309,4 milhões no corrente ano comercial, e a média de 295,6 milhões que o mercado aguardava;
- 7) A produção do Brasil é projetada em 126 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina ficaria em 55 milhões;
- 8) As exportações brasileiras de milho, em 2022/23, estão projetadas em 47 milhões de toneladas;

- 9) A produção da Ucrânia, envolvida na guerra com a Rússia, ficaria em apenas 19,5 milhões de toneladas, contra 42,1 milhões no ano anterior (um recuo de 53,7%);
- 10) As importações de milho por parte da China ficariam em 18 milhões de toneladas, contra 23 milhões no atual ano comercial.

Por outro lado, os embarques de milho, por parte dos EUA, chegaram a 1,39 milhão de toneladas na semana encerra em 05/05, ficando dentro do esperado pelo mercado. Com isso, o total exportado no atual ano comercial atinge a 38 milhões de toneladas, ou seja, 16% a menos do que o registrado em igual período do ano anterior.

E no Brasil, os preços do cereal cederam, com a média gaúcha ficando em R\$ 86,20/saco nesta semana, enquanto nas demais praças nacionais tais preços oscilaram entre R\$ 74,00 e R\$ 84,00/saco. Este comportamento se dá em função de uma menor demanda. A média da semana, entre 29/04 e 06/05, segundo o Indicador da Esalq, foi a menor do ano em valores nominais. A chegada de uma boa safrinha coloca os compradores em espera, pois a tendência é de preços ainda menores logo adiante. Em contrapartida, a nova desvalorização do Real deixa as exportações mais interessantes, podendo contrabalançar este movimento de baixa interna nos preços.

Afora isso, ainda há a questão climática. A previsão de uma forte onda de frio para esta próxima semana, atingindo parte da Argentina e todo o Centro-Sul brasileiro, poderá causar prejuízos nas lavouras da safrinha, revertendo o quadro positivo até então.

Neste sentido, o fechamento da B3, nesta quarta-feira (11), já levou em consideração este fato. Há também problemas climáticos nos EUA e outras regiões produtoras do mundo. O contrato julho, na Bolsa paulista, chegou a R\$ 94,14/saco, enquanto os contratos de meses mais distantes continuam acima de R\$ 100,00/saco.

Assim, o clima, nas próximas duas semanas, no Centro-Sul brasileiro, poderá reverter o quadro de baixas no preço atual do milho.

Dito isso, por enquanto a produção final de milho no Brasil vem sendo estimada entre 112 e 118 milhões de toneladas conforme as diferentes consultorias privadas e os órgãos públicos.

Safras & Mercado, por exemplo, aponta um volume final de 118,1 milhões de toneladas, com uma área total semeada de 21,4 milhões de hectares em 2021/22. O rendimento médio devendo ficar em 5.519 quilos/hectare, contra os 4.333 quilos da safra anterior. A safra de verão ficaria em 21,9 milhões de toneladas, sobre uma área de 4,4 milhões de hectares no Centro-Sul brasileiro, com a produtividade média chegando a 4.986 quilos/hectare. Já a safrinha 2021/22 está projetada em 83,25 milhões de toneladas, contra a frustrada safrinha passada que rendeu 57,8 milhões de toneladas. Enquanto isso, a produção do Norte e Nordeste somaria 13 milhões de toneladas.

Por sua vez, a AgRural estima a segunda safra, agora, em 80,9 milhões de toneladas, contra 85,9 milhões no mês passado. Este recuo de cinco milhões de toneladas se deve ao clima seco no Centro-Oeste brasileiro, particularmente em abril. Segundo ainda a consultoria, somando a produção do Norte e Nordeste, o volume chegaria a

86,3 milhões de toneladas. Com isso, a produção total de milho no país, neste ano, chegaria a 112,3 milhões de toneladas. Todavia, novas estimativas ainda serão feitas até o final de junho.

Enfim, enquanto a Consultoria Cogo projeta uma produção final de 115 milhões de toneladas, com 87 milhões na atual safrinha, a S&P Global (antiga IHS Markit) fala em 112 milhões no cenário mais pessimista. Pois as 90,5 milhões de toneladas para a colheita na safrinha, agora esperadas, podem recuar para 87 milhões na próxima estimativa da consultoria.

Em termos regionais, segundo o Imea, no início da presente semana as vendas da atual safrinha chegavam a 58% do total a ser colhido. Devido a redução das chuvas a partir de março, há muitas incertezas quanto a produtividade final a ser alcançada.

Já no Paraná, o Deral indica que as lavouras da safrinha voltaram a apresentar piora na última semana, porém, não deverão impactar no volume final a ser colhido. Por enquanto, 88% das lavouras estão entre boas a excelentes, 10% em nível médio e 2% ruins. A preocupação está agora na possibilidade de geadas nesta próxima semana sobre as regiões produtoras do Estado. O Paraná, tradicionalmente, é o segundo maior produtor de milho do país, atrás apenas do Mato Grosso. Se o clima ajudar, a colheita da safrinha paranaense começará na última semana deste mês de maio. Como apontado na semana passada, o Paraná ainda espera uma colheita de 16 milhões de toneladas na safrinha de milho deste ano, contra 5,7 milhões na frustrada safra do ano passado.

MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo, para o primeiro mês, em Chicago, voltou a ultrapassar os US\$ 11,00/bushel durante a corrente semana, disparando após o anúncio do relatório de oferta e demanda do USDA, no dia 12. O fechamento, portanto, desta quinta-feira (12), ficou em US\$ 11,74/bushel, contra US\$ 10,96 uma semana antes. A cotação desta quinta-feira, em Chicago, é a mais alta para o trigo em pouco mais de dois meses.

O relatório de oferta e demanda do USDA, neste dia 12/05, apontou o seguinte para o mercado do trigo em 2022/23:

- 1) A área a ser semeada com todos os tipos de trigo, nos EUA, fica projetada em 19,2 milhões de hectares, sendo ela 1,5% superior ao registrado no ano anterior;
- 2) A produção dos EUA fica prevista em 47,1 milhões de toneladas, contra 44,5 milhões no último ano, e a média esperada de 48,7 milhões pelo mercado para este novo ano;
- 3) Os estoques finais de trigo, nos EUA, somariam 16,8 milhões de toneladas, após os 17,8 milhões estimados para o corrente ano, assim como este era o volume esperado pelo mercado para o novo ano;
- 4) O preço médio do bushel de trigo, ao produtor estadunidense, está projetado em US\$ 10,75, ou seja, um pouco abaixo do atualmente praticado;
- 5) A produção mundial de trigo, para o novo ano comercial, fica projetada em 774,8 milhões de toneladas, contra 779,3 milhões no corrente ano;

- 6) Os estoques finais mundiais estão projetados em 267 milhões de toneladas, contra 279,7 milhões no corrente ano e 271,6 milhões na média esperada pelo mercado neste relatório;
- 7) A produção da Argentina fica projetada em 20 milhões de toneladas, a da Austrália em 30 milhões e a do Canadá em 33 milhões de toneladas;
- 8) A produção da Rússia projetada em 80 milhões de toneladas, enquanto a da Ucrânia, devido à guerra, recua para 21,5 milhões após as 33 milhões colhidas no ano anterior.

O USDA informou ainda que 27% da área destinada ao trigo de primavera, nos EUA, já foi plantada, enquanto eram 67% do ano passado e 47% na média histórica nesta data. Já sobre o trigo de inverno, o departamento apontou 29% das lavouras em boas ou excelentes condições, contra 27% da semana anterior, e 49% nestas condições na safra do ano anterior.

Por sua vez, os EUA embarcaram 236.847 toneladas de trigo na semana encerrada em 05/05, ficando dentro do esperado pelo mercado. Com isso, o total embarcado pelos EUA, em trigo, no corrente ano comercial, soma 19 milhões de toneladas, ou seja, 18% abaixo do registrado em igual momento do ano anterior.

Enquanto isso, a Índia exportou um recorde de 1,4 milhão de toneladas de trigo em abril, aproveitando-se do espaço deixado pela guerra no Leste Europeu. Em todo o ano comercial anterior, encerrado em 31 de março, a Índia exportou 7 milhões de toneladas de trigo. Os indianos ficam praticamente sozinhos no mercado mundial nesta época do ano, em termos de produção. Para maio, esperam exportar mais 1,5 milhão de toneladas. A Índia exportou trigo para o sul da Ásia, Sudeste Asiático, Oriente Médio, Europa e norte da África.

E aqui no Brasil, os preços se mantêm firmes, com boas altas no mercado gaúcho. A média semanal, no Rio Grande do Sul, subiu para R\$ 102,63/saco, ganhando quase cinco reais por saco, na semana, enquanto as principais praças locais negociaram o produto entre R\$ 104,00 e R\$ 105,00/saco. No Paraná, o mercado trabalhou com o produto valendo entre R\$ 96,00 e R\$ 100,00/saco.

A alta nos preços do cereal, neste início de maio, que atinge recordes nominais, vem da valorização externa do cereal; da nova desvalorização do Real, a qual encarece o produto importado; e da baixa oferta de produto nacional de qualidade. E o plantio da nova safra apenas está iniciando, havendo espaço para novas altas até setembro, quando a colheita se inicia pelo Paraná. Aliás, neste Estado o plantio atingia a 26% da área, até o início da presente semana, com 99% das lavouras semeadas estando em boas condições. No atual estágio da planta, o frio e as geadas são positivos ao cereal.